

C O L E Ç Ã O N O R D E S T I N A

A praia

Thales de Azevedo

Espaço de socialidade

2ª edição



2016, Thales de Azevedo.

Direitos dessa edição cedidos à Edufba.
Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, mantido em vigor desde 2009.

Projeto Gráfico	EDITORA DA UFPB
Diagramação	Antonio Felix (EDUFBA)
Normalização	Sandra Batista (EDUFBA)
Revisão	Paulo Bruno Ferreira da Silva (EDUFBA)

Ficha catalográfica: Fábio Andrade Gomes - CRB-5/1513

Azevedo, Thales de
A994p A praia : espaço de socialidade / Thales de
Azevedo ; prefácio de Paulo Ormindo de
Azevedo. – Salvador : EDUFBA, 2016.
100 p.

ISBN 978-85-232-1512-5

1. Brasil - Vida e costumes sociais.
2. Praias - Aspectos sociais - Brasil.
I. Azevedo, Paulo Ormindo de. II. Título.
III. Título: Espaço de socialidade.

CDU: 392(81)

Editora da UFBA	Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Campus de Ondina Salvador - Bahia CEP 40.170-115 http://www.edufba.ufba.br E-mail: edufba@ufba.br Fone: (71) 3283.6164
------------------------	--

Editora filiada à:

ECIAC
ASOCIACION DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMERICA
LATINA Y EL CARIBE

ABEU
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

CBaL
Câmara Bahiana do Livro

PREFÁCIO

Mergulhando na praia para desvendar seus segredos

Paulo Ormino de Azevedo¹

DOS BANHOS MEDICINAIS À ASSUNÇÃO DO CORPO

Thales de Azevedo foi o pioneiro dos estudos sobre o cotidiano no Brasil. Já em 1949, em seu premiado livro *Povoamento cidade do Salvador*, ele inclui capítulos com sugestivos títulos sobre o cotidiano: “O sustento da infantaria”, “O problema da carne”, “Condimentos, sal e preguiça”, “Pão de trigo e vinho”, “Água”, “A formiga” e “Reexportação (de escravos) e vadiagem”. Depois de se dedicar a outros temas, como relações sociais, catolicismo popular, evasão de talentos, ele volta a estudar o cotidiano com *Namoro à antiga: tradição e mudança* (1975) – que seria sucessivamente ampliado –, *Ciclo da vida: ritos e ritmos* (1987) e este delicioso estudo: *Praia, espaço de socialidade* (1988). Vivaldo Costa Lima comentou:

Thales de Azevedo, sem dúvida pela primeira vez entre nós, investiga e interpreta essa relação entre o homem com sua circunstância ambiental. Do espanto que sempre o mar causou em quem lhe chegou à orla desconhecida e os procedimentos culturais provenientes desta descoberta.

1 Arquiteto e urbanista, jornalista, professor titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA), membro da Academia de Letras da Bahia.

Ainda sobre o cotidiano, ele escreveria duas novelas memorialistas, *Foi Deus não acontecer nada* (1984) e *A filha do alferes nos arredores das guerras do Sul* (1993), que Cleise Mendes analisa, neste mesmo volume, com grande acuidade. Como disse a socióloga Maria de Azevedo Bandão, sua filha e minha irmã, seu interesse pelo cotidiano, advém de sua relação com a própria vida:

Antes de tudo, esta sensibilidade pelo cotidiano vem de casa. De um mundo sob outros ritmos, não intoxicado pela técnica e pelo consumo compulsivo, imensamente menos encapsulado pela ideologia, onde o trato entre os vizinhos e parentes, distante e respeitoso, somava-se o ir frequentemente a pé de um lugar a outro, o viver em diferentes moradias, o fazer lentas viagens, cheias de paragens e pousos em lugares novos, dando margem a ver o mundo como um caleidoscópio: faces, coisas, modos de ser, tudo; cada um como uma redescoberta do ouvir falar, mas irremediavelmente fascinante pelo insuspeitável de cada novo gesto, palavra e sentimento.²

Thales de Azevedo sempre teve uma relação próxima com o mar e a praia. Na infância, morou na rua do Hospício, de onde vislumbrava a Baía de Todos os Santos; depois de casado, na rua Princesa Isabel, na Barra Avenida, de onde via o Atlântico. Teve casas de veraneio na rua Domingos Rabelo, em Itapagipe, com o mar batendo no fundo, e em Jauá, Camaçari, diante da praia. Passou ainda muitos verões na ilha de Itaparica, onde sua mãe, dona Lola, e o tio João, tinham casas de veraneio, além de finais de semana em Amaralina, na residência de sua tia Laura e na avenida Beira Mar, em Itapagipe, onde morava a professora

2 BRANDÃO, M. de A. O cotidiano na obra de Thales de Azevedo. In: AZEVEDO, T. de. *O cotidiano e seus ritos: praia, namoro e ciclos de vida*. Recife: Ed. Massangana, 2004. p. 337.

Honorina Minho, amiga da família. Em todos esses lugares, ele conversava longamente com os locais e pintava belas marinhas em aquarelas e óleos.³ Mas o grande mérito do autor foi exatamente “desfamiliarizar o familiar”, como disse Roberto da Matta.⁴

Em Thales de Azevedo, o ponto de partida é o *eu*, um ‘eu’ baiano e brasileiro; assumindo plenamente esta posição, parte para o conhecimento do que esses dois qualitativos – *ser baiano e brasileiro* – cobrem. Não se trata, para ele, de penetrar o *outro*, nem igualar a ele nos termos em que, ainda hoje, continua a antropologia social e cultural a definir seu objetivo, a tentativa de se colocar na pele de outrem...’, afirma Maria Isaura Pereira de Queiroz.⁵

O antropólogo inicia sua análise, em tom de crônica literária, sobre a praia constatando a existência de “quilômetros de praia despercebida”. Como dizia o comunicólogo canadense Marshall McLuhan, o peixe seria o último a descobrir a água. Thales de Azevedo foi aquele peixe que percebeu a presença da água salgada e as fronteiras da praia. Embora o banho de mar já fosse assinalado por Gregório de Mattos, no século XVII, sua prática como tratamento médico, em especial do béri-béri, foi introduzida no Brasil pela aristocracia portuguesa, a partir da chegada da Família Real ao Rio de Janeiro, em 1808. Eram banhos nas primeiras horas da manhã com os banhistas em vestes fofas de panos grossos, dos pés à cabeça. Perseguia-se o efeito do iodo

3 Esses quadros podem ser apreciados em AZEVEDO, P. O. de (Org.). *Thales de Azevedo: a arte de escrever e pintar*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 149-185.

4 MATTA, R. Desfamiliarizando o familiar. In: AZEVEDO, T. de. *O cotidiano e seus ritos: praia, namoro e ciclos de vida*. Recife: Ed. Massangana, 2004. p. 15-22.

5 QUEIROZ, M. I. P. de. Uma abordagem antropológica de valor no Brasil: a contribuição de Thales de Azevedo, *Cadernos Ceru*, São Paulo, série 2, n. 7, p. 161-166, 1996. p. 163.

e outros sais minerais sobre a pele, mas evitava-se, a qualquer custo, o sol para não macular sua alvura. A ida à praia não tinha, nessa época, nenhuma conotação de lazer ou interação social.

Em trabalho recente, Sílvio Marcus de Souza Correa demonstra que o banho salgado medicinal foi difundido no Rio Grande do Sul por imigrantes alemães. Há registros de que, já em 1866, famílias de origem alemã veraneavam em Cidreira. Caravanas de carretas puxadas por bois levavam famílias de Porto Alegre para aquela localidade, desde o último quartel do século XIX até a década de 1920. Em Tramandaí, já existia, em 1888, o Hotel da Saúde. Ele assina ainda a presença no estado de muitos médicos alemães adeptos do tratamento com banhos frios nas praias rio-grandenses, com efeitos semelhantes àqueles observados nas praias do Báltico e Mar do Norte, e dos banhos de sol ou helioterapia. Um dos primeiros a se estabelecer no estado foi dr. Heinz von Ortenberg, em Santa Cruz do Sul, em 1908, que ali clinicou por muitas décadas. Esses médicos seguiam as novas teorias naturistas alemãs. O livro *Mein Wasserkur*, publicado em 1886, do médico bávaro Sebastian Kneipp, sobre hidroterapia, foi muito difundido no Rio Grande do Sul, especialmente entre médicos alemães.⁶

Sem desconstruir abruptamente seu caráter terapêutico, o banho de mar vai progressivamente ganhando outras funções e significados. O primeiro sinal dessa mudança ocorreria em 1924, com o aparecimento dos primeiros maiôs de malha, que, embora fossem quase tão extensos quanto as vestes de baeta ou sarja, já permitiam ver as pernas e as formas do corpo. Thales de Azevedo demonstra como o banho de mar, à medida que se transforma em lazer e motivação turística, muda a atitude da

6 CORREA, S. M. de S. Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. *História Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, jan./mar. 2016. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702010000100011> >. Acesso em: 30 jul. 2016.

sociedade com relação ao corpo, que passa a ser desnudado, exibido, esquadrinhado nos seus atributos em concursos de misses.

É uma mudança não só do vestuário, como da estética do corpo, que passa a ser bronzeado e “sarado”, e da moral, que do recato, especialmente da mulher, passa à exposição do corpo nas praias. “Toda uma moralidade que quebra o escrúpulo antigo de pais, de maridos, de amantes, de noivos e namorados agora acessíveis a oferecerem o corpo de suas mulheres aos olhares de quem quer que seja”, afirma Thales de Azevedo. A moçoila aristocrática de porcelana dá lugar à garota de bronze atlética burguesa e à mulata assanhada cor de canela do povão.

DA VILEGIATURA PRAIANA À REVOLUÇÃO URBANA

Thales de Azevedo assinala que a emergência de uma “cultura da praia” foi responsável por mudanças nas nossas cidades, durante o século XX. Como arquiteto e urbanista, sinto-me instado a analisar em detalhe esse processo. Os 8.000 km de praias despercebidas durante três séculos e meio passaram a ser objeto de cobiça dos operadores imobiliários e alvo de grandes investimentos públicos e privados em infraestrutura urbana e turística, a partir do início do século passado. Os hotéis de turismo, os cassinos e o automóvel foram as grandes molas da ocupação das faixas costeiras, não só no Brasil como em todo o mundo.

Em 1863, o príncipe Carlos III de Mônaco criou a “Société des bains de mer et du cercle des étrangers à Monaco”, sociedade anônima bilionária, que já pertenceu a Onassis, e ainda hoje é proprietária de cinco cassinos, a Ópera de Monte Carlo e mais quatro salas de espetáculos, quatro hotéis, 32 restaurantes e sete bares e *nightclubs*.⁷ No Brasil, os balneários de caráter

7 WIKIPÉDIA: a enciclopedia livre. *Société des bains de mer*. [S.l.], [200-]. Disponível em: <https://it.wikipedia.org/wiki/Société_des_bains_de_mer>. Acesso em: 4 ago. 2016.

medicinal nasceram mais modestos e se difundiram na região Sul especialmente pelos imigrantes alemães, não só como usuários, mas também empresários do setor, como constatou Sílvio Marcus de Souza Correa.

Um dos primeiros empreendimentos desse tipo no país, sintomaticamente ocorreu no Rio Grande do Sul, a 18 km da cidade de Rio Grande, inspirado no que ocorria na Europa e no vizinho Uruguai, em Montevideu e Punta del Este. Tratava-se de um balneário com 3 km de praia e 2 km de largura tendo como principal atração um hotel e, mais tarde, o Cassino Atlântico. Foi uma iniciativa da Companhia de Bondes Suburbanos, subsidiária da Companhia Carris Urbanos. Fundado em 1890, e frequentado por ricos imigrantes alemães, portugueses e italianos, o balneário começou a decair com o fechamento do jogo. Ainda hoje, o local é conhecido como Praia do Cassino.⁸ Em Camburiu, Santa Catarina, imigrantes alemães começam a adquirir lotes no Distrito da Praia e construir casas e mansões em enxaimel, na primeira metade do século passado, quando o local ainda não era um destino turístico. A explosão turística e imobiliária, que substituiu essas residências por torres de apartamentos, só ocorreria em 1950, quando a cultura de café, um dos esteios da economia regional, entrou em colapso.

O Rio de Janeiro, então capital do país, com suas extensas e belas praias, foi o lugar de excelência para implantação de hotéis de turismo e cassinos. Um dos primeiros hotéis a ser instalados numa praia do Rio de Janeiro foi o Hotel Balneário Icarahy, em Niterói, construído em 1916 e transformado em cassino em 1933, quando Getúlio Vargas libera os jogos de azar em balneários marítimos e estâncias hidrominerais. O famoso Cassino da Urca foi um hotel criado para hospedar os visitantes da Exposição de 1922, comemorativa do centenário da Independência do país.

8 WIKIPÉDIA: a enciclopedia livre. *Praia do Cassino*. [S.l.], [2016]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Praia_do_Cassino. Acesso em: 3 ago. 2016.

Só se transformaria em cassino em 1933. Nele se apresentaram, entre outros, Carmem Miranda, Emilinha Borba, Dalva de Oliveira, Grande Otelo, Maurice Chevalier, Josephine Baker e Bing Crosby. Seu proprietário, Joaquim Rolla, iria se transformar no maior empresário do ramo na América do Sul.

Copacabana é o exemplo mais notável de expansão urbana em função da “cultura da praia”. Até o final do século XIX, só existia ali o Forte do Leme, a capela de Nossa Senhora de Copacabana e chácaras. A praia só começou a ser integrada à cidade com a construção do Túnel Velho, em 1892, pela Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico. Com a extensão da linha de bonde até o Forte do Leme e capela de Nossa Senhora de Copacabana, sua faixa costeira começou a ser ocupada por casas de veraneio, especialmente a partir de 1904, quando é construído o Túnel Novo e aberta a avenida Atlântica. O primeiro grande empreendimento naquela avenida foi o hotel Copacabana Palace, construído entre 1919 e 1923. Hóspedes famosos como Alberto Santos Dumont, Albert Einstein, Orson Wells, Walt Disney, Edith Piaf, Sinatra, Rita Hayworth e Brigitte Bardot, cercados de *paparazzi*, deram mais *glamour* à praia de Copacabana atraindo novos empreendimentos. Em 1933, incorporou um cassino que passaria a ser tão famoso quanto o da Urca.⁹

Outra casa de espetáculo famosa instalada em Copacabana foi o Cassino Atlântico, situado à altura do Posto 6. Relatam os cronistas que sua proximidade do mar e decoração *art déco* davam a sensação de se estar em um transatlântico. Aliás, esse estilo, que usava portalós e janelas circulares como escotilhas de navios, foi o preferido em todo o mundo para os hotéis e cassinos à beira-mar, a ponto de dar nome a um balneário em Miami: o Art Déco District. Na Praia Vermelha, deveria ser construído o

9 Disponível em: <pt.vegasmaster.com/os-antigos-cassinos-do-brasil>. Acesso em: 31 jul. 2016.

hotel e cassino Quitandinha, mas os militares não permitiram. Seu empreendedor, Joaquim Rolla, decidiu então construí-lo em Petrópolis, à margem de um lago artificial. Inaugurado em 1944, fechou as portas dois anos depois, quando o presidente Eurico Dutra proibiu os jogos de azar.¹⁰

Três gerações de edifícios se sucedem na avenida Atlântica, no Rio de Janeiro. Primeiro, casas de veraneio, depois pequenos edifícios de apartamento e hotéis *art déco* de quatro pavimentos, sem elevador, e finalmente edifícios de apartamento de 12 andares. Mais tarde, a prefeitura liberou a construção de hotéis de 20 ou mais andares. Copacabana se transformaria, assim, na área residencial mais valorizada e verticalizada do Rio de Janeiro, com cerca de 140.000 habitantes. Saturada, ela se expandiria para Ipanema, Leblon e Barra da Tijuca. Na década de 1970, a praia foi alargada com amplo aterro hidráulico, que permitiu a construção de um interceptor oceânico de esgotos, seis faixas de rolamento, canteiro central e calçadas de Burle Marx.

Na cidade de Santos, em São Paulo, começou-se a desenvolver a atividade turística em 1910 com a construção do Parque Balneário e Hotel Internacional. Mas ganha força em 1935 quando a prefeitura local urbaniza e ajardina a orla marítima. Sua expansão se fez em direção ao Guarujá. O automóvel teve um papel importante na ocupação dessas áreas costeiras distantes dos centros fundacionais das nossas cidades. Não só como transporte, mas como distintivo de prestígio e poder. Nos sábados e domingos, em muitas de nossas cidades costeiras, faziam-se cursos nas suas avenidas beira-mar, com moças e rapazes fantasiados em carros abertos. Essas outras funções e sinalização do automóvel são evidenciadas na canção *Carango* de Carlos Imperial e Nonato

10 Disponível em: <pt.vegasmaster.com/os-antigos-cassinos-do-brasil>. Acesso em: 31 jul. 2016.

Buzar. Com o refrão “Ninguém sabe o duro que dei / Pra ter fon-fon, trabalhei, trabalhei”, Simonal fazia sucesso na década de 1960:

Copacabana, carro vai zarpar
 Todo lubrificado para não enguiçar
 Roda tala larga, genial
 Botando minha banca, muito natural

.....

Ah! Barra da Tijuca já michou
 A onda agora é deixar cair no *Le Bateau*¹¹

.....

Mas em São Paulo eu boto para quebrar
 Ah! Eu pego o meu carango e vou para Guarujá
 Paro o carro frente pro mar
 Barra limpa, bonequinha, chega mais pra cá.
 Simbora! Um, dois, três!
 Capota levantada para ninguém nos ver
 Um abraço e um beijinho
 Isto é que é viver!¹²

Processo semelhante de urbanização de área costeira ocorreu em Salvador. Um dos objetivos da reforma urbana do governador J.J. Seabra (1912-1916) era expandir a cidade em direção às praias do Atlântico, prolongando a avenida Sete de Setembro até o Porto da Barra e criando a avenida Oceânica, que chegava até ao Rio Vermelho. Também nesse caso, visava-se instalar cassinos no edifício Oceania e no Grande Hotel da Barra, que com

11 *Le Bateau* foi o mais famoso *nightclub* do Rio de Janeiro, na década de 1960. Ficava, naturalmente, em Copacabana.

12 IMPERIAL, C.; BUZAR, N. Carango. Intérprete: Wilson Simonal. In: SIMONAL, W. *Enxugue os olhos*. [S.l.: s.n.], 1966.

a proibição do jogo não chegou a ser concluído, permanecendo algumas décadas como ruína abandonada.

Percebendo essa tendência, dois empresários baianos, Juventino Silva e seu cunhado Manuel Dias da Silva, compraram, no início do século passado, a fazenda Pituba, que ia até o mar, e contrataram nada menos que o engenheiro Teodoro Sampaio para riscar o Plano Cidade-Luz. O projeto e relatório foram apresentados em 1919, mas só aprovado pela prefeitura em 1932. Como a avenida Otávio Mangabeira (1949), que conduzia a Itapua e ao aeroporto, tinha início na Pituba, o loteamento passou a ter maior visibilidade. Mas o loteamento só ganharia pavimentação em 1960, na administração do prefeito Nelson Oliveira, genro de Juventino Silva, e se transformaria na grande frente de expansão da cidade de classe média alta.

A praia de Boa Viagem, em Recife, só possuía chácaras e uma vila de pescadores em torno da capela de sua invocação até o final do século XIX. No início do século XX, algumas famílias começam a construir casas de veraneio. Mas a corrida imobiliária só se iniciou no final da década de 1950, com a construção de condomínios de apartamentos, como o Hollywood, Acaiaca e Califórnia. Forma-se, assim, o bairro residencial mais rico, denso e longo do Recife, que se desenvolveria de forma linear, apertado entre a praia, os mangues e favelas, que lhe ficavam atrás.

Mas voltemos à praia de Thales de Azevedo. Em que consistiria a “socialidade” das nossas praias? O antropólogo explica, convence, e surpreende pela sutileza de sua sensibilidade de escritor:

Nesse terreno se realiza toda uma multitudinária convivência tácita, ‘sozinhos juntos’ como diz Edgerton – *alone together* – encapsulados na área que dominam e têm como inviolável em separação e não envolvimento, consistindo em se verem, em verificarem que frequentam os mes-

mos lugares, em pelejarem pela ocupação das mesma áreas, como índices de classe, de *status* e identidade social, como evidencia de poder; para milhares é oportunidade para associações parcelares de parentes, de amigos e colegas, de vizinhos, ocasião para (resolver) contatos problemáticos no diário.

REFERÊNCIAS

- 1 BRANDÃO, M. de A. O cotidiano na obra de Thales de Azevedo. In: AZEVEDO, T. de. *O cotidiano e seus ritos: praia, namoro e ciclos de vida*. Recife: Ed. Massangana, 2004.
- 2 AZEVEDO, P. O. de (Org.). *Thales de Azevedo: a arte de escrever e pintar*. Salvador: EDUFBA, 2016.
- 3 MATTA, R. Desfamiliarizando o familiar. In: AZEVEDO, T. de. *O cotidiano e seus ritos: praia, namoro e ciclos de vida*. Recife: Ed. Massangana, 2004. p. 15-22.
- 4 QUEIROZ, M. I. P. de. Uma abordagem antropológica de valor no Brasil: a contribuição de Thales de Azevedo, *Cadernos Ceru*, São Paulo, série 2, n. 7, p. 161-166, 1996.
- 5 CORREA, S. M. de S. Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. *História Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, jan./mar. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702010000100011>>. Acesso em: 30 jul. 2016.
- 6 WIKIPÉDIA: a enciclopedia livre. *Societe des bains de mer*. [S.l.], [200-]. Disponível em: <https://it.wikipedia.org/wiki/Societe_des_bains_de_mer>. Acesso em: 4 ago. 2016.

7 WIKIPÉDIA: a enciclopedia livre. *Praia do Cassino*. [S.l.], [2016]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Praia_do_Cassino>. Acesso em: 3 ago. 2016.

8 IMPERIAL, C.; BUZAR, N. Carango. Intérprete: Wilson Simonal. In: SIMONAL, W. *Enxugue os olhos*. [S.l.: s.n.], 1966.

Praia de Copacabana vista do Leme
Rio de Janeiro, c. 1965



Alice Brill/Acervo Instituto Moreira Salles.

Praia de Copacabana vista do sopé do morro do Leme
Rio de Janeiro, c. 1890



Marc Ferrez/Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles.

Praia de Copacabana, década de 1950
Rio de Janeiro



Carlos Moskovich/Acervo Instituto Moreira Salles.

Modelos posam em carro na praia do Leme, década de 1950
Rio de Janeiro



Carlos Moskovich/Acervo Instituto Moreira Salles.